



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de inflação e início da safra de balanços do setor bancário são destaque no Brasil. No exterior, China divulgou ontem dados do PIB do 3T26.

A semana traz o resultado do IPCA-15 de outubro, que será conhecido na sexta (23), a última divulgação oficial de inflação antes da reunião do Copom dos dias 3 e 4 de novembro. O consenso do mercado estima alta de 0,45% no período, pressionada sobretudo pelos alimentos no domicílio, reflexo da piora das condições climáticas (excesso de chuvas no Centro-Sul, associado ao *El Niño*), que tem afetado a oferta de itens *in natura*, além dos receios em torno da safra de grãos 2026/27. No acumulado em 12 meses, o índice deve acelerar de 4,47% para 4,74%, voltando a superar o intervalo superior da meta (4,50%). Vale notar que, hoje cedo, a FGV divulgou o IGP-10 de outubro, que subiu 1,76%, bem acima das expectativas (1,37%), puxado pelos preços dos combustíveis e com continuidade das pressões agropecuárias no atacado, reforçando a percepção de que os alimentos devem seguir em alta nos próximos meses.

No campo da atividade econômica, a FGV divulga ainda hoje o Monitor do PIB de agosto. O indicador deve voltar ao campo positivo, após dois meses consecutivos de queda, de forma similar ao apontado pelo [IBC-Br](#) na última sexta (16). Essa melhora, contudo, não deve ser suficiente para reverter a trajetória de desaceleração da atividade, que tem dado sinais mais concretos, inclusive com a possibilidade de retração do PIB no terceiro trimestre.

Na agenda corporativa, o Bradesco dá início, na quinta-feira (22), à temporada de balanços do setor bancário referentes ao 3º trimestre. O consenso dos analistas prevê lucro líquido de R\$ 7,1 bi, alta de 1,3% ante o trimestre anterior e de 15,1% ante o 3T25. Assim, a instituição deve manter a trajetória de recuperação dos resultados, impulsionada pelo avanço da carteira de crédito e da margem financeira. No geral, as divulgações devem mostrar divergência relevante entre as instituições: algumas devem manter resultados positivos, enquanto outras tendem a apresentar rentabilidade mais pressionada, afetada pela desaceleração do crédito e pela piora da qualidade da carteira. Nesse contexto, os agentes estarão especialmente atentos aos índices de inadimplência e à velocidade de sua piora nas instituições, em um ambiente de endividamento e juros ainda elevados. O quadro abaixo traz as datas de divulgação das instituições de capital privado, a estimativa de lucro para o 3T26 e as respectivas variações ante o 2T26 e o 3T25.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T26

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 3T26 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Bradesco	22/out	7.143,4	1,3%	15,1%
Santander	28/out	3.160,7	4,9%	-21,2%
Itaú	03/nov	12.714,3	2,5%	7,1%
ABC	05/nov	272,4	5,9%	6,1%
BMG	05/nov	159,0	1,3%	7,4%
BTG Pactual	10/nov	5.227,1	1,7%	15,2%
Pine	11/nov	178,0	7,4%	71,8%
Banco do Brasil	11/nov	3.789,0	-3,0%	0,1%
Inter	12/nov	430,3	-3,7%	20,9%
Nubank	12/nov	5.772,2	7,7%	35,3%
Banrisul	12/nov	277,0	-14,9%	-15,8%
XP	-	1.416,0	2,3%	6,5%

Fonte: Áreas de RI dos bancos. Projeções: Bloomberg.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No âmbito internacional, destaque para os dados de atividade da China, que divulgou ontem à noite (18) o PIB do 3º trimestre. A economia cresceu 4,5% ante o mesmo período do ano anterior, ligeiramente acima do 2T26 (+4,3%) e das expectativas (+4,4%). O resultado reflete o bom desempenho das exportações e da produção industrial, especialmente nos segmentos ligados à tecnologia, enquanto a fraqueza do consumo, dos investimentos privados e do setor imobiliário seguem limitando uma recuperação mais intensa, mesmo com as medidas recentes de estímulo. No acumulado do ano, a expansão do PIB chinês está em 4,6%, dentro do intervalo estabelecido pelo governo para o ano, de 4,5% a 5%. Os dados de setembro reforçam esse contraste: a produção industrial cresceu 5,5% na comparação interanual, ante alta de apenas 1,1% das vendas no varejo. O quadro reforça a percepção de que a economia chinesa precisa de mudanças estruturais mais profundas para reanimar a demanda interna.

Por fim, a semana traz as prévias de outubro dos PMIs dos EUA e da Zona do Euro, que serão divulgadas na sexta-feira (23). Nos EUA, os indicadores devem seguir apontando expansão relativamente firme da atividade, tanto na indústria quanto nos serviços. Na Zona do Euro, a expectativa é de continuidade da recuperação gradual dos últimos meses, ainda sujeita às incertezas externas e à elevação das pressões de custos. Em conjunto, os dados devem trazer as primeiras indicações sobre o ritmo das duas economias no início do último trimestre do ano.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/out	FGV: Monitor do PIB	Ago/26	-	-0,4% m/m 1,3% a/a
19/out	FGV: IGP-10	Out/26	1,37% m/m 4,66% a/a	1,47% m/m 3,28% a/a
22/out	Reunião do CMN	-	-	-
23/out	IBGE: IPCA-15	Out/26	0,45% m/m 4,74% a/a	0,70% m/m 4,47% a/a
Sem data	Receita Federal: Arrecadação de Impostos	Set/26	-	8,3% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
18/out	China	PIB	3ºtri/26	4,4% a/a	4,3% a/a
18/out	China	Produção Industrial	Set/26	5,5% a/a	5,2% a/a
18/out	China	Vendas no varejo	Set/26	0,5% a/a	0,4% a/a
19/out	China	Taxas de Juros Prime (1 ano e 5 anos)	Out/26	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
20/out	EUA	Alvarás para novas construções	Set/26 - prévia	-1,3% m/m	-2,1% m/m
20/out	EUA	Vendas de casas pendentes	Set/26	0,8% m/m	0,3% m/m
22/out	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Out/26 - prévia	-17,0 pts	-16,5 pts
23/out	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Out/26 - prévia	52,8 pts / 52,5 pts	52,9 pts / 53,0 pts
23/out	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Out/26 - prévia	55,5 pts / 58,0 pts	55,9 pts / 58,8 pts
23/out	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Out/26 - final	46,3 pts	48,1 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

IBC-Br volta a crescer em agosto, mas mantém sinais de acomodação da atividade

O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, cresceu 0,3% em agosto, ligeiramente abaixo da expectativa do mercado (+0,4%). O resultado interrompeu uma sequência de duas quedas consecutivas, de 0,8% em junho e de 0,3% em julho. Apesar da alta no mês, a média móvel trimestral permaneceu em terreno negativo, com retração de 0,6%, mantendo os sinais de acomodação da atividade econômica. Na comparação com ago/25, o indicador avançou 1,2%, e o crescimento acumulado de 12 meses ficou em 1,6%.

Na abertura setorial, o resultado de agosto foi sustentado pelas altas da indústria (+0,9%) e dos serviços (+0,2%), que reverteram parcialmente as quedas dos dois meses anteriores. O avanço da indústria no IBC-Br contrasta com a queda de 0,6% da produção industrial medida pelo IBGE, diferença que reflete, em parte, a metodologia e as ponderações próprias do indicador do BC. Em sentido oposto, a agropecuária recuou 1,8%, mantendo o movimento de acomodação após a expansão relevante do setor em 2025.

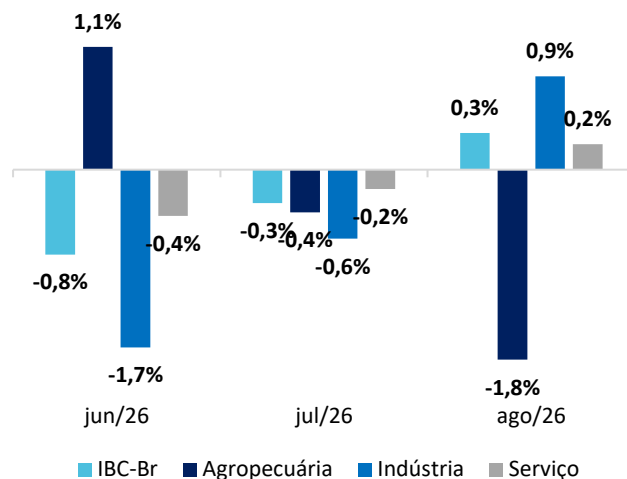
No acumulado de 12 meses, a agropecuária ainda apresenta o maior crescimento entre os setores, com alta de 2,7% até agosto, embora também responda pela maior desaceleração, já que fechou 2025 com alta de 13,3%. O setor industrial acumula avanço de apenas 0,7%, permanecendo como o segmento com menor dinamismo no ano. Já os serviços registram expansão de 2,0%, mantendo relativa estabilidade nessa base de comparação.

Apesar do resultado positivo de agosto, o carregamento estatístico do IBC-Br para o 3T26 permaneceu negativo, em 0,5%, com perspectiva de retração em todos os principais setores. Isso aumenta a probabilidade de o PIB registrar contração no trimestre. Para o ano, o carry-over ficou em 1,4%, indicando espaço restrito para o crescimento da atividade no restante de 2026. Assim, a leitura de agosto não altera a percepção de desaceleração da economia, embora a recuperação da indústria e dos serviços tenha interrompido a sequência recente de resultados negativos.

Na última semana, o IBGE também divulgou os dados dos serviços e do varejo, que vieram abaixo das expectativas e reforçaram os sinais de perda de ímpeto da economia, em linha com a desaceleração já observada na indústria.

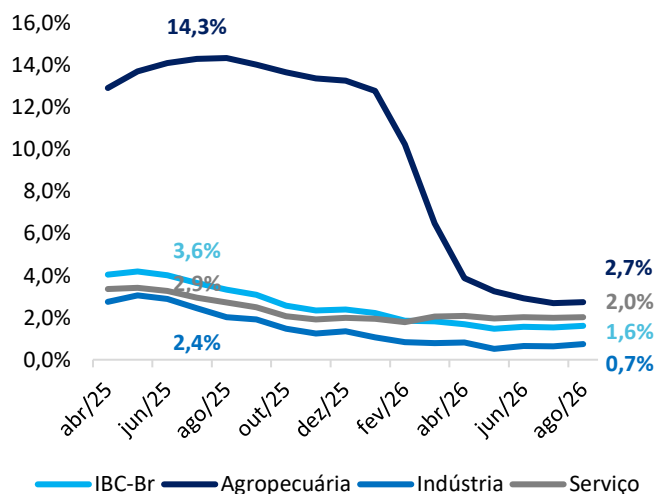
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IBC-Br e Componentes Var. (%) mensal dessazonalizada



Fonte: BCB

Quadro 2: IBC-Br Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: BCB

O setor de serviços recuou 0,1% em agosto, na série com ajuste sazonal, resultado inferior à expectativa de alta de 0,6%. A leitura manteve o setor próximo da estabilidade e sem apresentar crescimento desde o 4T25. Na comparação com ago/25, o volume de serviços avançou 0,6%, enquanto o crescimento acumulado de 12 meses desacelerou para 2,2%, ante 2,4% em julho e 3,1% em janeiro.

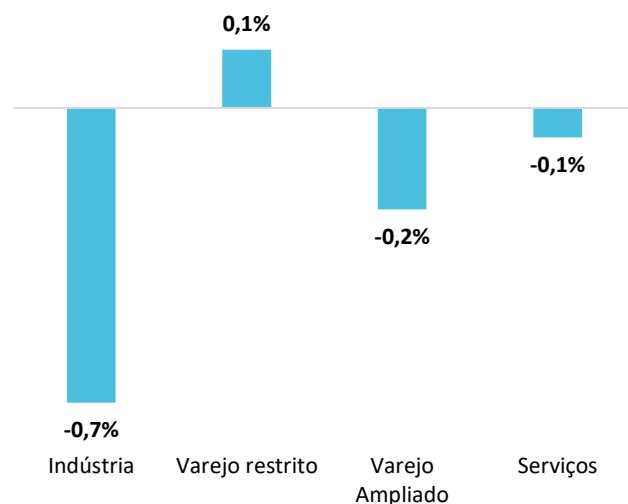
A estabilidade, contudo, não foi generalizada entre as atividades. O segmento de transportes recuou 0,2%, devolvendo parte do resultado positivo de julho (+0,4%), com destaque para a queda de 1,4% nos transportes terrestres. Os serviços técnico-profissionais também apresentaram retração, de 0,6%. Em sentido oposto, os serviços prestados às famílias avançaram 2,1%, enquanto informação e comunicação ficaram estáveis no mês, após contribuírem de forma relevante para o dinamismo do setor nos períodos anteriores.

No comércio, o varejo ampliado recuou 0,2% no mês, ante expectativa de crescimento de 1,1%. Na comparação com ago/25, houve ligeira alta de 0,1%, e o crescimento acumulado de 12 meses ficou em 1,4%. No conceito restrito, que exclui veículos e materiais de construção, as vendas avançaram 0,1% na margem.

A abertura do varejo também mostrou sinais de acomodação após o desempenho mais positivo do início do ano. Entre os segmentos mais associados ao consumo das famílias, as vendas de hiper e supermercados recuaram 0,3%, enquanto móveis e eletrodomésticos registraram queda de 4,2%. Os resultados sugerem menor dinamismo do consumo na margem, embora permaneça alguma heterogeneidade entre as atividades, como outros artigos de uso pessoal (+1,4%) e artigos farmacêuticos (+0,7%), que registraram alta.

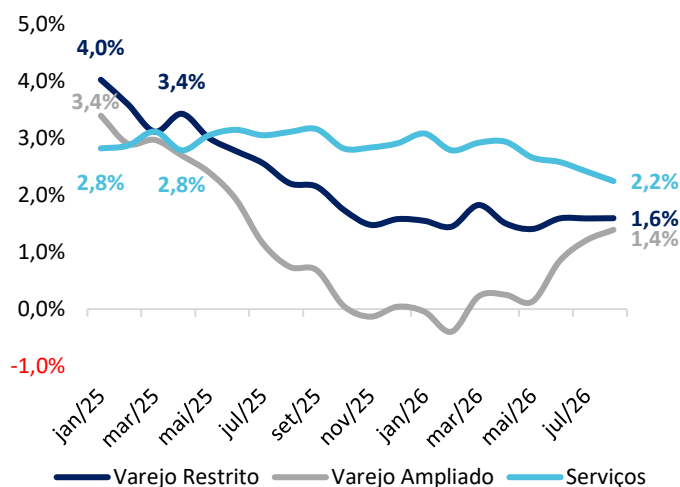
Para o 3T26, os carregamentos estatísticos são negativos em 0,5% tanto no varejo restrito quanto no ampliado, e próximos da estabilidade nos serviços. Em conjunto, os indicadores reforçam a acomodação da economia, em ritmo mais intenso do que o esperado, e acrescentam viés negativo às projeções para o PIB do trimestre. Esse quadro reforça o argumento de desaceleração da demanda, que o Copom deverá ponderar em sua reunião próxima reunião (3 e 4 de novembro), contra a pressão recente dos preços de alimentos.

Quadro 3: Indicadores de Atividade em agosto
Var. (%) mensal dessazonalizada



Fonte: IBGE

Quadro 4: Indicadores de Serviço e Varejo
Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Ações das empresas de tecnologia puxam bolsas para baixo

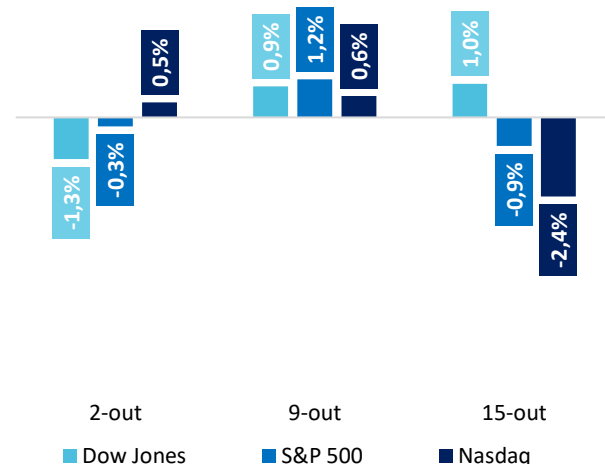
Os principais índices acionários dos EUA encerraram a semana em queda, sobretudo o Nasdaq e o S&P 500, mais sensíveis às ações de tecnologia, diante da preocupação crescente com o elevado volume de investimentos na construção da infraestrutura de IA e com o consequente endividamento das empresas do setor, em um cenário de fluxo de caixa líquido ainda negativo e de juros elevados. As ações dos principais bancos dos EUA também contribuíram para esse movimento, diante da frustração com os resultados de alguns *players* ([ver próxima pg](#)). Com isso, mesmo com o petróleo ainda pressionado (tensões no Oriente Médio e dúvidas sobre o cessar-fogo energético entre Rússia e Ucrânia), e com dados de inflação acima do esperado, os agentes buscaram ativos mais seguros, o que ajudou a reduzir os juros de longo prazo das *Treasuries*.

No campo econômico, a inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,6% em setembro nos EUA, pressionada principalmente pelos preços da gasolina (+9,1%). No acumulado de 12 meses, o indicador acelerou de 3,4% para 3,7%, acima da expectativa do mercado (+3,6%), e o núcleo passou de 2,4% para 2,6%. A inflação ao produtor (PPI) também avançou 1,3% no mês, com forte pressão de energia (+10,8%), assim como no CPI, e acelerou de 5,6% para 6,3% em 12 meses. Portanto, ambos os indicadores mostraram que as pressões sobre os preços permanecem relevantes. Ainda assim, o mercado segue com a expectativa de que o Fed mantenha os *Fed Funds* no intervalo entre 3,75% e 4,00% a.a. na reunião de 28/out. Para dezembro, contudo, os agentes esperam uma alta de 0,25 p.p. Vale notar que o encontro ocorre pouco antes das eleições de meio de mandato (3/nov), com alta probabilidade de o Partido Republicano perder maioria em ambas as casas do Congresso.

Ainda nos EUA, os indicadores de atividade mostraram resultados positivos em setembro. A produção industrial cresceu 0,7% no mês, acima da expectativa (+0,4%) e a maior alta desde abr/26. As vendas no varejo, por sua vez, subiram 0,8%, a maior alta desde mar/26, reforçando os sinais de resiliência da atividade norte-americana.

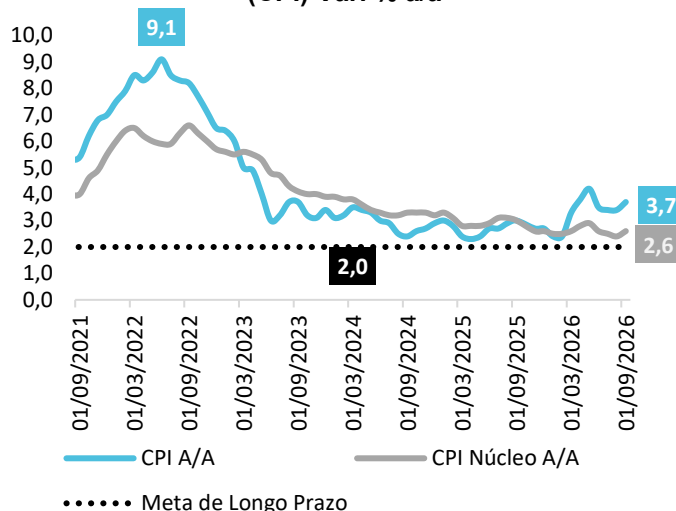
Na China, as exportações cresceram 36,3% ante set/25, acima da expectativa do mercado (+25,7%), impulsionadas pelos embarques de eletrônicos, semicondutores e automóveis. As importações avançaram 31,0% na mesma métrica, refletindo a demanda por equipamentos de tecnologia e a alta dos preços do petróleo e de outras *commodities*. Já o CPI acelerou para 0,9% em 12 meses, com pressão da gasolina, mas ainda em patamar baixo, diante da demanda interna enfraquecida.

Quadro 5: Principais índices de ação dos EUA
Var.% Semanal



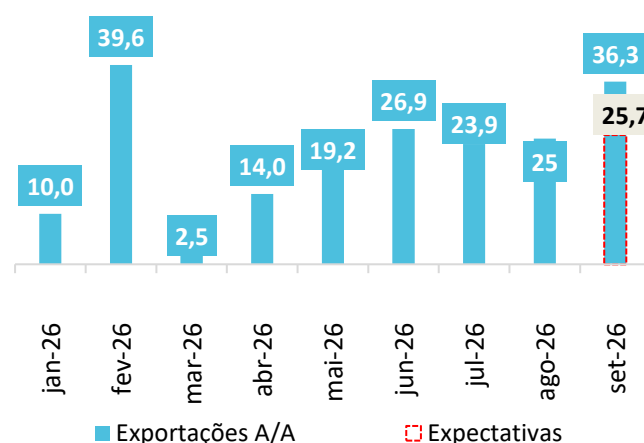
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Inflação ao Consumidor
(CPI) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: China – Exportações
Var. % ante o mesmo período do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 3º tri/26

CRÉDITO / BANCOS

Os principais bancos dos EUA divulgaram os resultados do terceiro trimestre de 2026, que vieram mistos, com surpresas positivas e negativas. A elevada volatilidade dos mercados seguiu beneficiando a maior parte das instituições, com desempenho forte das mesas de negociação, sobretudo de ações. As unidades de banco de investimento também mantiveram crescimento relevante na maioria dos bancos, apoiadas por um mercado de capitais aquecido, com destaque para as operações do setor de tecnologia, especialmente emissões de dívida, impulsionadas pelos investimentos em inteligência artificial. Os resultados também seguiram apoiados no crescimento do resultado líquido de juros (NII), impulsionado pela expansão do crédito, enquanto a qualidade das carteiras segue sob relativo controle, embora os bancos tenham adotado tom mais cauteloso sobre o cenário macroeconômico e tensões geopolíticas.

Quadro 8: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 3º tri/26

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo	Goldman Sachs
Lucro Líquido US\$ bi	15,3	5,2	6,9	6,0	5,3
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	5,57 / 5,75* (5,90)	2,85 (2,66)	0,91 / 1,08* (1,10)	1,87 (1,85)	17,01 (13,02)
ROE anualizado (trimestre)	17,0%	10,1%	9,4%	13,8%	18,7%
Receita US\$ bi	50,9	23,8	30,0	21,9	18,7
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	2,7	2,6	1,3	1,0	0,4
Carteira de Crédito US\$ bi	1.584,6	819,7	1.251,3	1.048,1	276 mi

Fonte: RI dos bancos. Expectativas: LSEG.

JP MORGAN: registrou lucro líquido de US\$ 15,3 bi no 3T26, ou US\$ 5,57 por ação, abaixo do esperado (US\$ 5,90). O resultado representa queda de 27,7% ante o 2T26, que havia sido recorde por efeitos extraordinários de US\$ 5,6 bi (valorização de ações da Visa e reprecificação de participações em empresas de capital fechado), e alta de 6,3% ante o 3T25. Neste trimestre, o banco registrou um item extraordinário negativo: perdas com títulos no segmento Corporate de US\$ 658 mi. Excluído esse efeito, o lucro teria sido de US\$ 15,8 bi, ou US\$ 5,75 por ação. O ROE atingiu 17,0%, igual ao do 3T25, mas bem abaixo do trimestre anterior (24,0%).

As receitas totalizaram US\$ 50,9 bi (+8,0% ante o 3T25), também abaixo do esperado (US\$ 51,2 bi), com queda no segmento Corporate e alta nos demais. O destaque foi a unidade de banco de investimento e mercados (+14,4%), com ganhos em negociação de ações que mais do que compensaram a queda das receitas de renda fixa. Já a receita de varejo subiu 8,7%, liderada por cartões e veículos. A receita líquida de juros (NII) avançou 12,8%, puxada pelas operações ligadas ao mercado de capitais. A PDD recuou 19,4% em 12 meses, para US\$ 2,7 bi, com menor provisionamento no atacado, e a carteira de crédito cresceu 10,4%, para US\$ 1,6 tri. O CEO Jamie Dimon destacou a resiliência da economia norte-americana, apoiada pelo consumo das famílias e pelos investimentos das empresas, mas voltou a apontar riscos como o elevado déficit fiscal, a inflação persistente, a alta dos juros e as tensões geopolíticas.

CITI: lucro líquido de US\$ 5,2 bi no 3T26 (US\$ 2,85 por ação), acima do esperado (US\$ 2,66). O resultado representa alta de 39,8% ante o 3T25, mas a base de comparação foi afetada por uma baixa contábil de US\$ 726 mi associada à venda de participação no Banamex. Excluído esse efeito, o lucro cresceu cerca de 16%. O ROE se manteve em dois dígitos (10,1%) pelo terceiro trimestre seguido. A receita total ficou em US\$ 23,8 bi, alta de 7,9% em 12 meses, a melhor para um 3º trimestre em uma década. O destaque foi a divisão de serviços (+15%), com crescimento em todas as linhas, enquanto a área de mercados avançou 6%, com alta de 14% em ações.

As despesas operacionais recuaram 2,4% na comparação anual, refletindo os desinvestimentos do banco em unidades internacionais e a base do 3T25, que incluía a baixa contábil do Banamex. A PDD, por sua vez, subiu 5,6% em 12 meses, com maior constituição de reservas diante do crescimento da carteira e do cenário macroeconômico. A carteira de crédito do Citi cresceu 11,7% no ano, para US\$ 819,7 bi.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 3º tri/26

BofA: lucro líquido de US\$ 6,9 bi no 3T26, com quedas de 23,6% ante o trimestre anterior e de 16,8% ante o 3T25, afetado por uma multa de US\$ 1,2 bi aplicada por reguladores (OCC e FinCEN) em razão de deficiências nos programas de prevenção à lavagem de dinheiro e de sanções econômicas. Como a multa não é dedutível, o lucro ajustado foi de US\$ 8,1 bi. O lucro por ação ficou em US\$ 0,91, ou US\$ 1,08 sem o efeito da multa, abaixo do esperado nos dois casos (US\$ 1,10). O ROE caiu para 9,4%, abaixo de dois dígitos pela primeira vez desde o 4T24, mas teria ficado em 11,1% sem a multa.

A receita total somou US\$ 30,0 bi (+3,2% em 12 meses), abaixo das expectativas (US\$ 30,7 bi), pressionada pela queda de 5% nas receitas de *trading*, com recuo em renda fixa (-17%) e alta em ações (+11%), e pela redução nas tarifas de banco de investimento (-11%). Em sentido oposto, a gestão de patrimônio cresceu 12,8%, impulsionada pelas tarifas de administração, e o banco de varejo avançou 3,6%, puxado pelo maior resultado líquido de juros. O NII do banco subiu 8,0%, com maior volume de crédito e depósitos e a reprecificação de ativos prefixados. A carteira de crédito cresceu 7,3% em 12 meses, para US\$ 1,251 tri. A PDD recuou tanto no trimestre (-7,1%) quanto em 12 meses (-2,0%), com menores perdas efetivas e liberação de reservas.

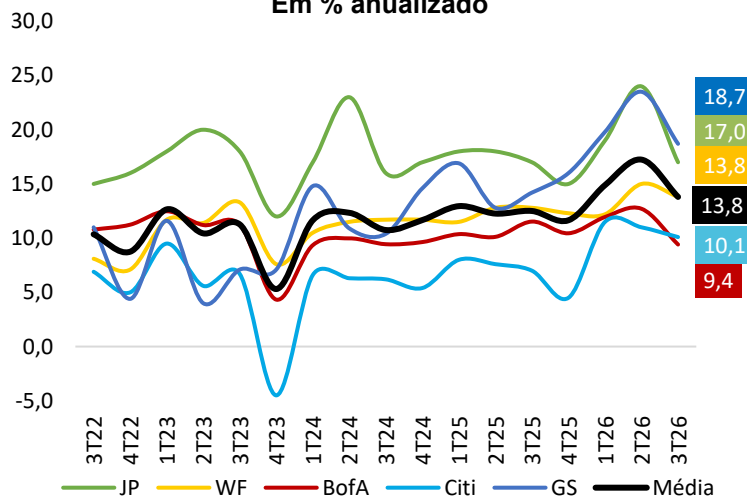
WELLS FARGO: lucro líquido de US\$ 6,0 bi no 3T26 (US\$ 1,87 por ação), praticamente em linha com o esperado (US\$ 1,85), com queda de 7,1% no trimestre e alta de 6,5% no ano. O ROE atingiu 13,8%, recuando do maior nível desde 2017, registrado no 2T26 (15,0%), mas acima do 3T25 (12,8%). A remoção do teto de ativos de US\$ 2 tri, imposto pelo Fed por cerca de sete anos, segue impulsionando a carteira de crédito (+11,1%), que atingiu US\$ 1,048 tri.

As receitas totalizaram US\$ 21,9 bi, abaixo do esperado (US\$ 22,3 bi), com alta de 2,0% no ano. O crescimento foi disseminado entre os segmentos, com destaque para o varejo (+4,8%), principal segmento do banco (49% das receitas), e a gestão de patrimônio (+11,7%), impulsionada pelo maior volume de ativos sob gestão. A alta total, porém, foi contida pela menor receita com investimentos em *venture capital* e *leasing*, após a venda do negócio de vagões ferroviários. A PDD subiu 51,1% em 12 meses, para US\$ 1,0 bi, mas a alta reflete sobretudo a base de comparação deprimida do 3T25. Ante o trimestre anterior, o avanço foi de cerca de 13%, e o banco destacou que a inadimplência segue em nível baixo. Por fim, o resultado líquido de juros (NII) somou US\$ 12,5 bi, com alta de 4,7%, abaixo dos pares, apoiado por maiores saldos de crédito e títulos, mas com compressão da margem diante do maior custo dos depósitos.

GOLDMAN SACHS: lucro líquido de US\$ 5,3 bi no trimestre (US\$ 17,01 por ação), acima do consenso de mercado (US\$ 13,02), embora calculado em base pouco comparável. O resultado representa queda de 20,1% no trimestre e alta de 29,2% no ano. O ROE atingiu 18,7%, acima da média dos últimos dois anos (16,0%). A receita total somou US\$ 18,7 bi, alta de 23,0% ante o 3T25, novamente puxada pela negociação de ações (+72,0%) e pelo banco de investimento (+21,0%), com destaque para a subscrição de ações (+43%).

O ROE médio dos cinco maiores bancos dos EUA recuou para 13,8% no 3T26, ante 17,3% no 2T26 (-3,5 p.p.), com queda em todas as instituições, de -7,0 p.p. no JP Morgan a -1,2 p.p. no Wells Fargo. O indicador, porém, segue acima do 3T25 (12,5%). O movimento reflete, em primeiro lugar, a base elevada do 2T26, que incluiu ganhos extraordinários, como o da participação na Visa no JP Morgan e os ganhos com ações no WF. Em segundo lugar, a menor receita de negociação e de banco de investimento ante o 2T26 na maioria dos bancos. Por fim, houve efeitos pontuais negativos no trimestre: a perda com títulos no JP Morgan e a multa regulatória no BofA. Ainda assim, as instituições mantiveram boa rentabilidade, apoiadas por receitas resilientes e pela boa qualidade do crédito, que tem mantido provisões e inadimplência sob controle.

Quadro 9: ROE dos 5 maiores bancos dos EUA
Em % anualizado



Fonte: Bloomberg. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	16/10/2026	09/10/2026	18/09/2026	Viés	16/10/2026	09/10/2026	18/09/2026	Viés
IPCA (%)	5,22	5,22	4,92	↔	4,32	4,30	4,30	▲
PIB (% de crescimento)	1,83	1,85	1,88	▼	1,32	1,40	1,43	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	13,25	13,25	13,50	↔	12,00	12,00	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,13	5,15	5,20	▼	5,22	5,26	5,28	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	16/10/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,06	1,52%	-2,36%	-7,53%	-7,02%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	119,09	9,06%	-2,60%	-14,01%	-20,01%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,57	-0,20%	-1,65%	-8,93%	-8,94%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,05	2,73%	-4,92%	-5,50%	-8,43%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,82	4,39%	-11,84%	-4,89%	-5,47%
Índice Ibovespa (em pontos)	205.430,33	-1,74%	15,79%	27,50%	44,47%
IFNC (setor financeiro)	22.694,83	-4,18%	24,08%	31,21%	46,33%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,00	0,00%	6,67%	6,67%	-5,88%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,71	-1,64%	8,45%	36,54%	37,50%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	5,07	-3,15%	6,80%	23,07%	27,63%
Dollar Index	101,84	-0,37%	2,42%	3,66%	3,56%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.659,44	-1,95%	-0,35%	11,07%	15,54%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	169,03	-0,95%	-8,84%	2,10%	17,52%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	135,39	1,35%	-4,72%	8,09%	20,51%
Índice Euro Stoxx 50	6.204,23	0,50%	-3,36%	7,04%	9,77%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	291,18	0,17%	-7,87%	10,38%	26,51%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	109,86	4,91%	21,41%	77,42%	79,92%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins